

ONDE ESTÁ O MEDO?

Manuel Curado

(VIII Jornadas do Conto da Universidade do Minho,
‘Contos de Arrepiar’,
4-6 de Maio de 2006, Universidade do Minho, Braga)

1

Caros Amigos

Muito agradeço a honra de aqui estar para reflectir na vossa presença sobre um assunto que não se vai embora: o medo. Está connosco há algum tempo (não muito, porque o *sapiens sapiens* é uma invenção muito recente na história do planeta) e não é previsível que desapareça. Não invejo a vossa condição de estarem a ouvir um filósofo. Para qualquer pessoa normal o medo é como tudo na vida: existe e nada mais. Os filósofos são uns desgraçados voyeuristas da vida. Procuram sempre um pequenino buraco de fechadura para olhar tudo e vêem infundavelmente. Vivemos num mundo enigmático e tudo partilha desse enigma. O Medo é tão surpreendente como uma orquídea ou uma criança.

Falando em crianças, temos aí uma boa deixa para começar a reflectir sobre o enigma do medo. Se falarmos com um dos nossos filhos com medo do escuro ou de qualquer outra coisa, podemos dizer algo como: «Estou a ver, estou a ver, está aqui o medinho. Descobri o medinho! Agora o papá vai dizer ao Medinho, Vai-te embora Medinho!»

Onde está precisamente o medo que sentimos? Vamos por partes: reconhecemos a palavra quando a ouvimos, sabemos que já sentimos isso de que estamos a falar, e sabemos que influencia as nossas decisões. Se é importante a este ponto, devemos ter alguma ideia do que é mesmo isso de que estamos a falar.

‘Sentir’ é um verbo pobre em que não se pode confiar. Se o assunto é importante, é necessário ter claro alguns aspectos. Todos os assuntos importantes merecem essa cortesia da nossa parte. Onde está? Esta questão é um ponto de referência no nosso conhecimento dos assuntos. Se não sabemos onde estão as coisas, o nosso conhecimento das mesmas é pobre.

Onde está, pois, o medo? Tudo à nossa volta tem localização: canetas, mesas, pessoas, testas, orelhas, cabelo. Como não confundimos o medo com qualquer outra coisa, (com uma mesa, por exemplo), devemos saber precisamente onde está, não é?

Alguns povos têm opiniões muito claras a este respeito. Afirmam que o medo está fora, isto é, é algo que nos visita por vezes e que por vezes cada um de nós pode encontrar. Só podemos sorrir perante esta teoria se tivermos uma melhor. Teremos?

Como a atmosfera que respiramos é a de dominadores do mundo, cada um de nós entende-se como proprietário dos seus estados mentais, entre os quais o medo. Cada um tem o *seu* medo, é uma coisa *sua*, tal como a roupa que usa é sua, as ideias que tem são suas e o carro é seu. Isto facilita muito a nossa tarefa. Se o medo que sentimos é um assunto nosso, está dentro de nós, é uma propriedade das nossas pessoas. Mas está onde nas nossas pessoas? Na pele? No sangue? Nas células? Numas células especiais que temos na cabeça chamadas neurónios?

Só há uma forma de confirmar o assunto, do meu ponto de vista. É necessário vasculhar o nosso corpo à procura do nosso medo, célula por célula, neurotransmissor a neurotransmissor.

Desde a obra do espanhol Santiago Ramon y Cajal, por volta de 1898, quase todos temos a crença de que o medo, as outras emoções e o resto da nossa vida mental têm alguma coisa a ver com os neurónios. Bem, parece-me muito evidente que podemos vasculhar cada um dos nossos neurónios que nunca descobriremos uma substância negra, ou cinza ou vermelha que seja a essência do medo. Onde está, pois? Mesmo que recorramos a teorias mais sofisticadas do que a de Ramon y Cajal e procuremos o medo dentro de cada neurónio e não nas ligações entre neurónios, nas tubolinas do cito-esqueleto, é provável que não descubramos a matéria do medo.

Desculpem a minha surpresa. Não me sinto confortável com o verbo ‘sentir’. Sei que todos dizemos que o medo é uma coisa que se sente e, com uma penada, livramo-nos do problema do sítio onde está o que sentimos. Se influencia a vida, deve existir em algum lugar. A descrição científica do mundo, à qual todos devemos respeito, é muito clara. Tudo à nossa volta é feito de átomos e campos de força.

Num mundo assim, onde diabo está o medo? Se cada um de nós, as pessoas que estão ao nosso lado, os objectos, as montanhas e os oceanos, numa palavra pequenina que é gigantesca, TUDO é feito de átomos e campos de força, onde está o que sentimos como medo?

Muito recentemente, alguns neurocientistas notáveis, como Joseph LeDoux, procuraram identificar os circuitos neuronais do medo. Temos hoje uma ideia muito clara de quais são os principais percursos neuronais do medo. Simplificando monstruosamente esta investigação, tudo aponta para que o medo aconteça no cérebro humano e de outros seres num percurso que liga os órgãos sensoriais, o tálamo, a amígdala e o córtex.

Como qualquer pessoa perspicaz é capaz de ver, a posse destes resultados notáveis de investigação recente não altera em muito o nosso problema. Podemos continuar a imaginar que somos muito, muito pequeninos e estamos alojados nas células da amígdala do cérebro. Se isso acontecesse, como veríamos que essa estrutura do cérebro tem qualquer coisa a ver com o medo e não com crenças religiosas? Desculpem a tautologia: uma célula é uma célula, um neurónio é um neurónio. O que tem qualquer dessas coisas a ver com o que sentimos?

Suponham que queremos procurar onde está uma conversa telefónica entre dois namorados que dizem um ao outro que se amam com o tamanho do céu. Podemos vasculhar os seus telemóveis milímetro a milímetro que nunca aí encontraremos um objecto estranho chamado a Conversa de Dois Namorados. Como é razoável, todos percebemos que a conversa dos namorados está nas ondas electromagnéticas que atravessam o espaço e nos sons que cada um deles produz. O pobre telemóvel é apenas um sistema de acesso a algo que existe fora do telemóvel.

Bem, parece que a teoria de alguns povos antigos e indígenas ainda é remotamente plausível. Pode dar-se o caso de o nosso cérebro ser como o telemóvel, isto é, um sistema de captação de emoções e de outros aspectos da vida mental mas não a sede das emoções e da vida mental. Poder, pode. É pouco provável, mas, repito, poder, pode. Se nós não sabemos responder à questão, não podemos ser arrogantes e descartar algumas possibilidades só porque são velhas e desacreditadas. Se soubéssemos com boa ciência responder à questão, poderíamos ser maravilhosamente arrogantes e afastar tudo o que fosse velho e desacreditado.

Os filósofos, isto é, os verdadeiros aristocratas das universidades, adoram problemas como este. Adoram, também, *solucionar* problemas como este.

Deixem-me tentar melhorar a nossa visão do problema do sítio no mundo onde está o medo que sentimos.

Ponderemos uma situação em que o fantasma que perseguimos não é uma emoção intensa como o medo mas algo tão evanescente como o sentido.

2

Suponha-se que um estudante pobre vai estudar para uma universidade distante de casa. Devido à pobreza, combina com a sua mãe que só fará um toque no telefone aos sábados à tarde se alguma coisa de grave acontecer. A mãe vê passar os sábados sem ouvir nenhum som de telefone. Não há sinal ou há sinal neste caso? A resposta é ambígua porque muitos cenários se podem intrometer na situação, como o cenário em que o filho é raptado, não está bem, não pode telefonar e em que o não fazer tocar o telefone é entendido pela mãe como o filho estando bem.

Se nenhuma situação excepcional se intrometer, o filho estará bem quer se considere que existe sinal, quer se considere que não existe sinal. Do ponto de vista do que o filho e a mãe combinaram é irrelevante considerar o estado de saúde do filho (a mãe não tem dons telepáticos para aceder ao estado de saúde do filho, e, se os tivesse, não se daria ao incómodo de combinar com o filho os toques de telefone). O relevante é, pois, o toque ou ausência de toque do telefone.

A partir do momento em que mãe e filho combinam o que combinam, a ausência de toque *só* pode ser considerada um sinal.

Este ponto é especialmente claro quando se pensa em alguns cenários da situação do estudante pobre. Suponha-se que não existem de todo linhas telefónicas na região onde vive a família do estudante pobre ou que, existindo, foram danificadas por tempestades de inverno, ou, ainda, que, existindo, os pais não pagaram a conta telefónica e a companhia cortou a ligação. Em qualquer destes cenários, a ausência de toque de telefone não pode ser considerada um sinal. Para que a inexistência do sinal possa ser considerada um sinal, é necessário que exista uma estrutura telefónica prévia que tanto permite toques de telefone quanto ausência de toques de telefone.

Qual o critério para distinguir *uma tarde de sábado em que o telefone não toca* porque na região não existem linhas telefónicas ou porque a conta telefónica não foi paga, de *uma*

tarde em que o telefone não toca porque está tudo bem com o filho e tinha sido combinado que o telefone não tocaria se estivesse tudo bem? Uma tarde em que o telefone não toca é indistinguível fisicamente de outra tarde em que o telefone não toca, no que a toques de telefone concerne.

Se o telefone não tocar, a mãe estará feliz; se o telefone tocar, a mãe saberá por que se tornou infeliz.

Esta situação é estranhamente semelhante à da nossa procura do sítio do medo. Se vasculhássemos a sala de estar da mãe num sábado à tarde, não descobriríamos nada na sala ou nesse sábado que fossem o sentido, isto é, a informação que a mãe tem de que o filho está bem mesmo que o telefone não toque.

Não há nada relevante: não há palavras, não há chamadas, não há toque sonoro do telefone. Apesar de não haver nada disto, há sentido e a informação do estado do filho conseguiu chegar à mãe.

É claro que, se vasculhássemos o cérebro da mãe também não descobriríamos uma matéria especial chamada sentido ou chamada A Mãe Sabe que o Filho Está Bem. Não há objectos como esses no mundo.

Como é que acontece a alquimia de, não existindo toque, existir sentido? Esta é uma lição preciosa para o que queremos saber sobre o medo. Para que a mãe seja detentora de um sentido determinado, OUTRAS COISAS têm que existir no mundo: a combinação que faz com o filho, companhias telefónicas, pagamento de contas telefónicas, etc. UMA COISA EXISTE PORQUE OUTRAS COISAS EXISTEM.

É muito aborrecido utilizar palavras complicadas logo de manhã. Bem, tem mesmo que ser. É esta: superveniência. O sentido existe porque é superveniente a outras coisas, isto é, vem por acréscimo.

Voltemos ao medo. Se este paralelo for oportuno, o medo existe porque outras coisas também existem. De facto, não existe por si, nem existe em algum lugar especial. Apenas isto: EXISTE PORQUE OUTRAS COISAS EXISTEM.

Deixem-me precisar o que está em causa com uma das mais velhas histórias do medo.

William James analisou o que acontece na situação de medo intenso quando se passeia por um bosque e um urso nos ataca. A pergunta *Onde Está o Medo?* é aqui substituída pela pergunta *Como é o medo?* e pela pergunta *O que se passa quando temos medo?*

A sequência temporal dos eventos parece ser a seguinte:

em *primeiro* lugar acontece a percepção física do urso ou a percepção inconsciente de indícios habitualmente associados a ursos (cheiro, quebra de galhos das árvores, etc.);

depois acontece uma alteração significativa do estado somático (o ritmo cardíaco aumenta muito, bem como a palidez);

depois acontece a consciência intensa de emoções (medo, pânico intenso, etc.);

e *depois* surge a consciência da total da situação em que se está.

Deixem-me estragar esta célebre análise de James com observações da minha lavra. O que parece mais surpreendente nesta história por episódios do medo é a posição na história. O medo não surge no primeiro episódio da história e antecede a consciência que a pessoa tem da situação. Num resumo rápido: primeiro tem-se medo; depois, sabe-se de que é que se tem medo. De qualquer modo, o medo surge nesta análise do ataque de um urso como algo que influencia a situação e as hipóteses de sobrevivência dos indivíduos que são atacados por ursos quando passeiam por bosques.

Para algo que não sabemos o que é, nem onde existe, estes são papéis extraordinários. Algo que não sabemos o que é nem onde existe influencia a sorte do jogo, a sorte do maior jogo da vida: a sobrevivência.

O nosso embaraço científico mantém-se, é evidente. A pessoa que passeia é apenas um bocado de carne composto por átomos e por campos de força, tal como o próprio urso e como o bosque. Porém, o medo é de facto sentido e parece influenciar causalmente a situação.

Deixem-me fazer mais uma variação à história de James. Se imaginarmos que a pessoa que passeia pelo bosque encontra ursos todas as vezes, é difícil imaginar que à centésima vez sinta medo, ou sinta medo com a mesma intensidade que sentiu a primeira vez que foi atacada por um urso.

Se o medo tem um espaço problemático, o mesmo não acontece com o tempo. O TEMPO DO MEDO É O DA NOVIDADE: SÓ HÁ MEDO A PRIMEIRA VEZ, NUNCA À MILIONÉSIMA.

Esta é, aliás, a experiência literária do medo. O conto mais tenebroso só faz nascer medo a primeira vez que é lido; à centésima vez, isso é pouco provável. Com o cinema acontece a mesma coisa. A primeira vez que se vê *The Fog*, de John Carpenter, ou *Jaws*, de Spielberg, podemos sentir medo, mas não muitas vezes depois, mas não também se participarmos na indústria dos filmes e dominarmos com técnicas industriais a emoção do medo.

Mais uma vez a surpresa. Não se sabe o que é nem onde está, mas SIM SABE-SE quando acontece e como fazer com que aconteça.

4

A conjectura científica mais importante para nos auxiliar a compreender a presença do medo no mundo da vida, por que razão existe quando poderia não existir, por que razão tem as características que tem quando poderia ter milhões de outras, é evolutiva.

A aprendizagem pode servir de tipo geral das situações humanas. Passear nos bosques é uma coisa muito particular. Precisamos de um tipo geral: aprender coisas novas. Quando se aprende uma tarefa nova, a consciência da situação é especialmente intensa e o medo é especialmente cruel. Muito tempo depois, quando a tarefa já se tornou uma rotina, a consciência parece que não é tão intensa e o medo desaparece. A experiência associada a este tipo de situações é comum e pode ser reconhecida por todos os seres humanos.

A associação entre as situações novas e a intensidade do medo é um problema interessante à luz da teoria da evolução. Porque acontece essa associação? A situação estruturalmente contrária — diminuição da intensidade da consciência em situações novas e difíceis — poderia hipoteticamente acontecer e não é difícil imaginar razões plausíveis para a justificar. O argumento mais relevante é o de que as situações novas colocam o indivíduo em maior perigo de perda de vida, de dano ao corpo ou de dor.

Teria sido uma boa estratégia evolutiva fazer com que os agentes em situações com que se deparam pela primeira vez não tivessem medo e *diminuissem* a intensidade das suas emoções. Em caso de dano, sofreriam menos; em situações já conhecidas, a consciência seria especialmente intensa. As faculdades cognitivas teriam uma arquitectura que acompanharia a diferença de intensidade da experiência subjectiva. A memória ocuparia o lugar da percepção no que concerne à intensidade. Estas mentes alternativas poderiam, hipoteticamente, ter sido melhor sucedidas evolutivamente. Numa situação radicalmente inovadora e perigosa, a

evolução poderia ter colocado sistemas que ‘desligassem’ o medo dos agentes ou o tornassem muito mais ténue.

A lista de estruturas mentais alternativas é infinita e os escritores ajudam-nos a pensar o que pode ser possível. Aliás, o próprio James considera a situação em que a visão do urso a atacar poderia não ser acompanhada de emoções fortes; a visão seria mais ‘cognitiva’ do que emocional, mais ‘fria’ do que ‘quente’. O cenário alternativo de a emoção do medo não estar presente é, porém, apenas parte do problema. Mesmo a fria visão cognitiva que um indivíduo pode ter quando um urso o ataca é uma visão consciente. Podemos, é claro, imaginar que somos de facto apenas zombis que não têm qualquer emoção. Se, no limite, podemos ser assim, o facto de sentirmos medo é absolutamente surpreendente.

Por contraste, o curso efectivo da evolução parece demonstrar uma mais-valia em relação a outros cursos evolutivos possíveis. A mais-valia é fácil de caracterizar: a sobrevivência do indivíduo é potenciada devido à presença da emoção terrível do medo.

Uma série evolutiva em que a emoção é especialmente intensa em situações conhecidas e especialmente débil em situações novas é uma série com propriedades muito diferentes da série evolutiva que produziu seres humanos com a emoção do medo. A primeira série evolutiva seria caracterizada pela maior importância da memória; a segunda, pela maior importância da percepção. A razão funcional óbvia para que a primeira série evolutiva não pareça tão plausível quanto a segunda deriva de um problema. Se os seres tiverem uma memória mais intensa do que as percepções, não conseguirão identificar o tempo presente em que os eventos acontecem. O passado, devido à intensidade da memória, será experienciado subjectivamente como *mais real* e como mais presente. Se todos os parâmetros do mundo biológico real forem mantidos *ceteris paribus* e se a série evolutiva alternativa apenas for diferente da série real no que concerne à intensidade da memória e da percepção, poder-se-ia afirmar que os seres da série alternativa não seriam bem sucedidos.

A sugestão jamesiana do aumento de intensidade das emoções conscientes em situações de perigo foi explorada nas Conferências Turner de Erwin Schrödinger. Schrödinger identifica em *Mind and Matter* três grupos de processos da biologia humana:

- (1) os monótonos e que não necessitam de decisões conscientes, como os batimentos do coração e os movimentos peristálticos;
- (2) os que ocasionalmente necessitam de decisões conscientes, como a respiração em atmosferas de risco;

(3) e os processos quotidianos, ligados ao hábito e à inovação, que necessitam de consciência.

Num espírito claramente jamesiano, Schrödinger argumenta em defesa do papel evolutivo da consciência, ao defender que só se tornam conscientes aquelas modificações que ainda se estão a colocar à prova, até que, depois de muito tempo, se convertem num património inconsciente da espécie humana fixado hereditariamente.

O passado evolutivo dos seres humanos nunca os colocou em situações em que se deslocassem no espaço a velocidades superiores à do som, nem em situações em que o organismo não tenha tempo de se adaptar à diminuição de oxigénio da atmosfera ou à alteração química dessa atmosfera. A aviação é um exemplo deste tipo de situações que não fizeram parte do passado evolutivo. Schrödinger argumentaria que só existe sobrevivência dos indivíduos em situações tornadas possíveis pela aviação se a consciência compensar o que a evolução não proporcionou.

Suponha-se o seguinte cenário. Num ambiente laboratorial consegue-se através de fármacos e de estimulação neuronal colocar o indivíduo no mesmo nível de activação somática em que se encontraria na situação do ataque do urso ou na situação do passeio pelo bosque. O ritmo cardíaco seria alterado, bem como a palidez, a transpiração, o ‘aperto no estômago’ e outros parâmetros somáticos. É fortemente previsível que as mesmas emoções e o mesmo estado de consciência intensa fossem experienciados pelo sujeito.

O que está em causa neste cenário? Por um lado, existem emoções induzidas artificialmente; por outro lado, existem emoções naturais. É fortemente defensável que exista uma identidade total entre os dois conjuntos: as experiências subjectivas são as mesmas e o efeito causal é igualmente discutível.

Tomando a nuvem por Juno, um medo induzido artificialmente é um medo tão real quanto um medo natural e não é improvável que as farmacopeias do futuro tenham indutores atómicos de emoções e de estados de consciência, *quaisquer que eles sejam*.

Se é possível induzir artificialmente emoções e estados de consciência através da alteração de parâmetros do corpo, essas emoções são uma possibilidade constante da evolução biológica, mesmo que, circunstancialmente, essa possibilidade não tenha sido concretizada.

Estamos de volta ao argumento do estudante pobre e da sua mãe. Alterando as outras coisas que existem no mundo e que não são medo, altera-se também o medo, o seu aparecimento, as suas características e, sobretudo, a sua intensidade.

A literatura e as artes em geral auxiliam-nos a compreender como se domina o medo, como se faz nascer o medo e como se faz desaparecer o medo. Deste ponto de vista, a literatura é uma tecnologia das emoções em geral e da emoção medo em particular.

Tal como a história da evolução biológica na Terra é uma história de possíveis que se tornem reais, a história de emoções semelhantes ao medo não tem fim. O MEDO É INFINITO e poderemos fazer nascer medos que ninguém sentiu antes na história da vida. Porque é que podemos fazer artificialmente medos? A explicação da existência do medo no mundo de Darwin, de James e de cada um de nós é clara: o medo existe porque desempenha um papel útil. O MEDO É PARA OS SERES BIOLÓGICOS UMA FERRAMENTA DE SOBREVIVÊNCIA. Outras poderão ser inventadas no futuro.

A melhor tecnologia do medo, a Literatura, é eloquente a este respeito. POR MUITAS VEZES QUE TENHAMOS SIDO ENGANADOS POR MEDOS LITERÁRIOS QUE NÃO EXISTEM, HÁ SEMPRE UMA FORMA NOVA DE FAZER SENTIR NOVOS MEDOS. Estou certo que o domínio tecnológico do medo, presente na evolução biológica e na literatura, está apenas a começar.

Num horizonte temporal próximo teremos fármacos com a capacidade de apagar os medos de que somos escravos e reféns: estas são boas notícias.

Estas são as más: se sabemos fazer nascer medos por corte e costura, poderemos em breve fazer nascer o maior dos medos. Qual é o maior dos medos? É o medo semelhante à Rosa de Angelus Silesius (Die Rose ist ohne Wahrum, a Rosa é sem porquê).

Quando os estados, as organizações e os grupos terroristas souberem produzir fármacos que façam nascer o medo intenso sem que as pessoas saibam de que é que têm medo, entraremos numa nova época.

Não quero assustar os presentes. Porém, informo todos que as teorias que explicam esse processo já estão entre nós e parece ser tão fácil dominar tecnicamente o medo tal como fizeram a evolução e a literatura...

Muito Obrigado!

 **MANUEL CURADO**

 Universidade do Minho
Instituto de Letras
e Ciências Humanas

 Campus de Gualtar
4710-057 Braga, Portugal

 Phone +351253604170
Fax +351253676387
jmcurado@ilch.uminho.pt
manucurado@gmail.com

